

"A Negação":¹ um claro enigma de Freud

MARILENE CARONE

1. A Negação: um claro enigma de Freud

"Escrevi alguns ensaios breves, mas não coisa muito séria. Talvez lhe fale deles mais tarde, se me decidir a reconhecê-los. Você pode ter acesso a seus títulos: *A negação, Inibição e sintoma e Algumas consequências da diferença sexual anatômica*" – diz Freud a Abraham, numa carta de 21 de julho de 1925 (S. Freud, K. Abraham, *Briefe Fischer*, 1965, p. 362). Não deixa de ser intrigante o desdém com que Freud fala de algumas de suas pequenas obras-primas, entre as quais as densas cinco páginas de *A Negação*, até hoje fecundas e estimulantes para os estudiosos das mais diversas filiações pós-freudianas.

(1) Contrariando uma certa corrente francesa, em particular a representada por Lacan e seguidores, não optamos por traduzir "*Verneinung*" por "denegação" – e muito menos por "negativa", como quer a tradução brasileira (S. Freud, *Obras Completas*, vol. XIX, p. 295, Ed. Imago). A impropriedade de "negativa" parece tão óbvia que mal merece discussão. "*Verneinung*" é o termo mais genérico possível para o ato de dizer não; a "negativa" aplica-se a um caso particular e específico deste mesmo sentido. Quanto à disputa entre "denegação" e "negação", haveria vários argumentos a serem levados em consideração. Em primeiro lugar, embora haja momentos no texto em que "denegação" poderia ser o termo mais adequado para traduzir "*Verneinung*" (quando o sentido é psicológico, de desmentido, de recusa de uma suposta afirmação), há outros momentos (quando o sentido é o da gramática ou da lógica) em que seria incorreto não chamar "*Verneinung*" de "negação", pura e simplesmente. Para desdobrar a "*Verneinung*" em dois outros termos, teríamos que decidir, a cada momento em que ela comparece (sem garantias contra o erro e a arbitrariedade), qual o mais adequado. Há outros argumentos igualmente simples, a favor desta escolha: "*Verneinung*" é o oposto de "*Bejahung*" (afirmação) – e isto

Poderíamos entender esta desqualificação do próprio trabalho como expressão de um estado de ânimo depressivo, de um doente (o câncer eclodira em 1923) que escreve para outro doente (Abraham já estava gravemente atingido pela doença pulmonar que o levaria à morte cinco meses mais tarde). Mas o fato é que Freud, ao analisar o conjunto da sua obra, muitos anos depois, continuava a afirmar que, depois de *Para além do princípio do prazer* (1920) e de *O ego e o id* (1923), “não dei mais contribuições decisivas à psicanálise, e o que escrevi depois disso poderia ter sido emitido sem maiores prejuízos ou logo seria apresentado por outro” (G.W., XVI, p. 32).

Fica claro, portanto, que, a partir de 1923, Freud considera encerrado o trabalho decisivo de construção do edifício teórico da psicanálise; entre 1923 e 1925, publica uma série de pequenos ensaios que chamaríamos de trabalhos de acabamento, que visavam completar formulações anteriores, aplicá-las a questões novas, rever velhos enigmas. Não por acaso, são deste período os textos: *A organização genital infantil* (1923); *Neurose e psicose, Problema econômico do masoquismo, O declínio do complexo de Édipo* (1924); *Nota sobre o bloco mágico, Complementação à interpretação dos sonhos, Algumas conseqüências psíquicas da diferença sexual anatômica e A negação* (1925).

O não-reconhecimento inicial, por parte de Freud, da paternidade dos três trabalhos citados na carta a Abraham parece dever-se não tanto ao desconhecimento da sua importância, quanto ao impacto da descoberta de novos impasses e obstáculos teóricos a suplantar.

Em uma carta a Lou-Andreas Salomé, escrita na mesma época (10/05/1925), Freud confidencia: “Penso que descobri algo de importância fundamental para o nosso trabalho, que guardarei para mim por algum tempo. É uma descoberta de que eu realmente devia me envergonhar, pois deveria ter adivinhado estas ligações desde o começo e não só depois de trinta anos” (S. Freud, Lou A. Salomé, *Correspondência completa*. Imago, 1975, p. 203). Em *Inibição, sintoma e angústia* (ci-

desde sempre na língua alemã, não apenas em Freud. Seria, portanto, errado opor à “afirmação” a “denegação” em vez da “negação”. Além disso, na língua portuguesa o substantivo “negação” abrange perfeitamente as duas acepções, a lógico-gramatical e a psicológica. Por último, um argumento de fidelidade ao modo como Freud encarava as questões de terminologia em psicanálise. Em *Die Frage der Laienanalyse* (A questão da análise leiga), um texto de 1926, aliás contemporâneo do texto *Verneinung* (GW, XIV, 222), diz Freud “... wir lieben es in der Psychoanalyse im Kontakt mit der populären Denkweise zu bleiben, und ziehen es vor, deren Begriffe wissenschaftlich brauchbar zu machen, anstatt sie zu verwerfen” (“... na psicanálise gostamos de ficar em contato com o modo popular de pensar e preferimos tornar seus conceitos cientificamente úteis, ao invés de rejeitá-los”). Ora, “negar” e “negação” são termos correntes da fala cotidiana, ao passo que “denegar” e “denegação” são termos intelectualizados, sofisticados, distantes do nosso “modo popular de pensar”.

tado na carta a Abraham como *Inibição e sintoma*), Freud retoma quase literalmente este parágrafo: “É quase vergonhoso que, depois de um trabalho tão longo, encontremos dificuldade na compreensão das relações mais fundamentais, mas nos propusemos nada simplificar e nada ocultar. Se não pudermos ver com clareza, vejamos pelo menos com precisão as obscuridades” (G.W., p. 155).

É em uma destas tentativas de “ver com precisão as obscuridades” que nasce o texto da *Verneinung*. Aparentemente simples, é, no entanto, um ensaio extremamente complexo, não-linear, ousado e descontínuo do ponto de vista temático. Incorpora as grandes descobertas mais recentes de Freud (pulsão de morte e segunda tópica) e realiza um esforço de síntese metapsicológica, trazendo à baila questões como a origem do pensamento e as distinções subjetivo-objetivo, representação-percepção, interno-externo, real-não real.

Os lacanianos enfatizam nele a representação verbal (o “não”) como o índice negativo que marca o reconhecimento do inconsciente, ou seja, o ego como o lugar do desconhecimento; os psicanalistas do ego norte-americanos vêem no artigo elementos para uma análise positiva da estrutura do ego — como o lugar da lógica, da organização temporal, do controle da ação pelo pensamento, do teste de realidade.

Como se vê, escolas psicanalíticas tão radicalmente opostas são capazes de se apropriar da *Verneinung* e de tornar seu um pensamento que ainda continua a requerer decifração.

2. Tradução comentada do original alemão por Marilene Carone

O modo como os nossos pacientes apresentam as idéias que lhes ocorrem² durante o trabalho analítico nos dá a oportunidade de fazer algumas observações interessantes. “Agora o Sr. vai pensar que quero dizer algo ofensivo, mas realmente não tenho esta intenção.” Entendemos que isto é uma rejeição³, por projeção, de uma idéia emergente naquele momento. Ou então: “O Sr. pergunta quem pode ser esta pessoa no sonho. Minha mãe não é”. E nós retificamos: logo, é a mãe. Na interpretação tomamos a liberdade de desconsiderar a negação, extraíndo o puro conteúdo da idéia. É como se o paciente tivesse dito: “Na verda-

(2) Traduzimos “*Einfall*”, sempre que possível, por “idéia que ocorre”, seu sentido mais correto, embora seja válido falar também em “associação” (“*Assoziation*”). Numa discriminação mais precisa, “*Einfall*” significaria a idéia que ocorre à mente num momento dado, e “associação”, esta mesma idéia considerada como elemento do contexto (associativo) em que ela surge.

(3) “Rejeição”, aqui, se refere a “*Abweisung*”, no sentido mais comum do termo, e não a “*Verwerfung*”, relativo a um mecanismo de defesa específico, comumente traduzido por “rejeição”, “repúdio” ou “forclusão”.

de foi minha mãe que me ocorreu com relação a esta pessoa, mas não tenho a menor vontade de admitir essa idéia”.

Às vezes pode-se conseguir a explicação buscada sobre o reprimido⁴ inconsciente de um modo muito cômodo. Pergunta-se: “O que o Sr. considera mais improvável nesta situação? Em sua opinião, o que estava mais distante do seu espírito naquele momento?”. Se o paciente cai na armadilha e nomeia aquilo em que ele menos pode acreditar, ao fazê-lo ele quase sempre confessa a verdade. Uma bela contrapar-

(4) Estamos cientes de estar contrariando mais uma vez uma certa corrente da terminologia psicanalítica ao traduzir “*Verdrängung*” e “*verdrängt*” por “repressão” e “reprimido”, respectivamente, e não por “recalque” e “recalcado”. A decisão é séria, pois envolve uma das pedras angulares da teoria psicanalítica, e requer justificação. A tradução inglesa de James Strachey (S. Freud, *Complete Works*, Standard Edition) tem sido criticada por uma série de imprecisões e incorreções terminológicas, dentre as quais a tradução de “*Trieb*” por “*instinct*” e “*Verdrängung*” por “*repression*”. De fato, é um erro traduzir “*Trieb*” por “*instinct*”, pois Freud dispunha do termo “*Instinkt*” e dele fez um uso muito preciso. Nas línguas latinas não há um equivalente de “*Trieb*” (“impulso” não serviria, pois Freud também usa “*Impuls*”, em sentido específico) e por isso foi preciso inventá-lo: daí a razoabilidade do termo “pulsão” e do adjetivo “pulsional” que lhe corresponde. Com “*Verdrängung*” a questão é diferente. Laplanche e Pontalis, no *Vocabulário de Psicanálise* (Moraes Ed., Lisboa, 1971), justificam a escolha de “*refoulement*” como o equivalente francês de “*Verdrängung*” com um argumento muito claro: “*refoulement*” é um termo consagrado na língua e na literatura francesas, muito mais corrente do que “*repression*”. É possível que uma razão da mesma natureza esteja na base da escolha de Strachey para o caso inglês. O que aconteceu no Brasil foi uma importação da problemática francesa, desconsiderando o uso dos termos na nossa língua. Entre nós se passa justamente o contrário do que acontece na França: o termo corrente, utilizado não apenas no jargão psicanalítico, mas também presente na forma comum de pensar (que, aliás, também inclui a acepção sócio-política), é justamente “repressão”. Fala-se “repressão” por toda a parte, na literatura, na filosofia, nos meios de comunicação — e para muitos custa um certo esforço trocar um termo tão legitimado na língua por “recalcamento”, “recalque”, “recalçar” e “recalcado”. É verdade que “recalçar”, além dos dois sentidos mais comuns que o dicionário indica (repisar, insistir), também significa refrear, conter. Mas “reprimir” começa por ter estes significados: coibir, repressar, ocultar, refrear, conter. A etimologia às vezes nos leva a caminhos um tanto equivocados, pois, afinal, a última palavra é dada pelo uso, mas neste caso ela pelo menos não contraria a direção da nossa escolha: “*Verdrängung*” se ajusta perfeitamente bem a “repressão”, pois o que sobressai como fundamental é o conceito de *Drang* (ímpeto, furor, pressão). Por último, lembramos mais uma vez a posição de Freud sobre estas questões, num texto de 1919, *Wege der psychoanalytischen Therapie* (Caminhos da terapia psicanalítica): “Aber ein Name ist nur eine Etikette, zur Unterscheidung von anderem, ähnlichem, angebracht, kein Programm, keine Inhaltsangabe oder Definition. Und ein Vergleich braucht das Vergleichene nur an einem Punkte zu tangieren und kann sich in allen anderen weit von ihm entfernen. Das Psychische ist etwas so einzig Besonderes, daß kein Vergleich seine Natur wiedergeben kann” (GW, XII, 185). (“Mas um nome é apenas um rótulo, que se aplica, para distinguir de outros semelhantes a ele, não é um programa, nem uma indicação de conteúdo ou definição. E uma comparação só precisa tangenciar a coisa comparada em um ponto, podendo em todos os demais se afastar bastante dela. O psíquico é algo tão unicamente particular que nenhuma comparação isolada pode reproduzir sua natureza”).

tida desta experiência frequentemente acontece com o neurótico obsessivo que já foi iniciado na compreensão de seus sintomas. "Tive uma nova idéia obsessiva⁵ e logo me ocorreu que poderia significar uma determinada coisa. Mas não, não pode ser verdade, senão não poderia ter me ocorrido." O que ele rejeita com este fundamento, aprendido de ouvido no tratamento, é, naturalmente, o sentido correto da nova idéia obsessiva.

Deste modo, o conteúdo da representação ou do pensamento reprimido pode abrir caminho até a consciência, com a condição de ser *negado*. A negação é um modo de tomar conhecimento do reprimido, na realidade já é um levantamento⁶ da repressão, mas naturalmente não a aceitação do reprimido. Aqui se pode ver como a função intelectual se dissocia do processo afetivo. Com o auxílio da negação, só se revoga uma das conseqüências do processo de repressão, ou seja, o fato de que o conteúdo da representação não tem acesso à consciência. Daí resulta uma espécie de aceitação intelectual do reprimido, mantendo-se a repressão quanto ao essencial.^(a) Ao longo do trabalho analítico, freqüentemente chegamos a produzir nesta mesma situação uma outra mudança, muito importante e um tanto estranha. Conseguimos vencer também a negação e estabelecer a plena aceitação intelectual do reprimido, mas nem com isto o processo da repressão é levantado.

Como é tarefa da função intelectual do juízo afirmar ou negar conteúdos de pensamento, as observações precedentes nos conduziram à origem psicológica desta função. Negar algo no juízo, no fundo significa: isto é uma coisa que eu preferiria reprimir. A condenação⁷ é o substituto intelectual da repressão, e o "não" é seu sinal característico, um certificado de origem, algo como "made in Germany".⁸ Por meio do símbolo da negação, o pensamento se liberta das limitações da repressão e se enriquece de conteúdos de que não pode prescindir para o seu desempenho.

(5) "*Zwangsvorstellung*" – mais rigorosamente, "representação obsessiva". Preferimos "idéia obsessiva" por ser mais coloquial. Os pacientes (mesmo os obsessivos) não costumam dizer que têm representações, mas sim idéias.

(6) "*Aufhebung*" significa levantamento, superação, suspensão, cancelamento, revogação. Optamos por "levantamento" por já ser consagrada a expressão "levantamento da repressão". A questão de saber se aqui se trata ou não da mesma acepção de "*Aufhebung*" hegeliana é matéria controversa.

(a) O mesmo processo está na base do conhecido fenômeno da "invocação". "Que bom que eu não tenho dor de cabeça há tanto tempo!" Este é, no entanto, o primeiro prenúncio de um acesso, cuja aproximação já se está sentindo, mas no qual não se quer acreditar.

(7) "*Verurteilung*" – o mesmo termo usado para "condenação", no sentido jurídico; é evidente que aqui se trata de um *juízo negativo* sobre um determinado conteúdo de representação.

(8) Em inglês no original.

A função do juízo tem essencialmente duas decisões a tomar: ela deve conferir ou recusar a uma coisa uma determinada qualidade e deve admitir ou contestar se uma representação tem ou não existência na realidade. A qualidade a ser decidida poderia originariamente ter sido boa ou má, útil ou nociva. Expresso na linguagem das mais antigas noções pulsionais⁹ orais: isto eu quero comer ou quero cuspir — e numa transposição mais à frente: isto eu quero introduzir em mim e isto eu quero excluir de mim; portanto: isto deve ficar dentro ou fora de mim. Como demonstrei em outro lugar, o ego-de-prazer¹⁰ originário quer introjetar em si todo o bom e pôr para fora todo o mau. O mau, aquilo que é estranho ao ego e que se encontra fora, é inicialmente idêntico a ele.^(b)

A outra decisão a ser tomada pela função do juízo, sobre a existência real de uma coisa representada (prova de realidade), é tarefa do ego-de-realidade¹¹ final, que se desenvolve a partir do ego-de-prazer inicial. Agora não se trata mais da questão de saber se algo percebido (uma coisa) deve ou não ser acolhido no ego, mas se algo presente no ego como representação pode também ser reencontrado na percepção (realidade). Como se vê, é de novo uma questão de *externo e interno*. O não-real, meramente representado, subjetivo, é apenas interno; o outro, o real, está presente também no *exterior*. Nesta evolução, a consideração pelo princípio do prazer foi posta de lado. A experiência ensinou que não só é importante que uma coisa (objeto de satisfação) possua a “boa” qualidade e, portanto, mereça acolhida no ego, mas também que ela esteja no mundo externo de um modo tal que seja possível apossar-se dela em caso de necessidade. Para compreender este progresso é preciso lembrar que todas as representações provêm de percepções, são repetições desta. Assim sendo, originariamente a existência da representação já é uma garantia de realidade do representado. A oposição entre subjetivo e objetivo não existe desde o início. Ela só se estabelece pelo fato de que o pensamento tem a capacidade de voltar a tornar presente uma coisa já percebida, graças à reprodução na representação, sem que o objeto exterior precise mais existir. O primeiro e mais imediato objetivo da prova de realidade não é, portanto, o de encontrar na percepção real um objeto correspondente ao representado, mas, sim, o de *reencontrá-lo*, de se convencer de que ele ainda exis-

(9) “*Triebregungen*” — adotamos também aqui a tradução proposta por Laplanche: moção pulsional. V. nota (4) sobre o termo “*Trieb*”.

(10) e (11) “*Lust-Ich*” e “*Real-Ich*”: “ego-de-prazer” e “ego-de-realidade”, respectivamente. Discordamos dos que propõem “eu”, “isso” e “super-eu” para “*Ich*”, “*Es*” e “*Über-Ich*”, por serem artificiais em português. As formas “ego”, “id” e “superego”, embora sejam latinismos, já fazem parte do vocabulário cultural corrente.

(b) Ver a este respeito, as observações feitas em *Pulsões e seus destinos* (GW, X, 209).

te. Uma contribuição ulterior ao distanciamento¹² entre subjetivo e objetivo provém de uma outra faculdade da capacidade de pensar. A reprodução da percepção na representação nem sempre é sua fiel repetição; ela pode ser modificada por omissões, alterada por fusão de diversos elementos. A prova de realidade precisa, então, controlar até onde vão estas deformações. Mas se reconhece como condição para a instalação da prova de realidade que tenham sido perdidos os objetos que um dia proporcionaram uma real satisfação.

O julgar é a ação intelectual que decide a escolha da ação motora, põe fim ao adiamento pelo pensamento e faz a passagem do pensar para o agir. Em outro lugar, também já tratei da questão do adiamento pelo pensamento. Ele deve ser considerado como uma ação experimental, um tatear motor com um mínimo dispêndio de descarga. Consideremos agora o seguinte: onde o ego teria exercitado antes este tatear, em que lugar aprendeu esta técnica agora empregada nos processos de pensamento? Isto aconteceu na extremidade sensorial do aparelho psíquico, nas percepções sensoriais. Segundo nossa hipótese, a percepção não é de modo algum um processo puramente passivo, mas o ego envia periodicamente pequenas quantidades de investimento para o sistema de percepção, por meio das quais ele experimenta¹³ os estímulos externos, recolhendo-se novamente após cada um destes avanços tateantes.

O estudo do juízo nos abre, talvez pela primeira vez, a compreensão da origem de uma função intelectual, a partir do jogo das moções pulsionais primárias. O julgar é o prosseguimento coerente¹⁴ daquilo que originariamente é realizado pelo princípio do prazer: a inclusão no ego ou a expulsão para fora dele. Sua polaridade parece corresponder à oposição existente entre os dois grupos de pulsões supostos por nós. A afirmação como substituto da união pertence a Eros; a negação, sucessora da expulsão, à pulsão de destruição. O prazer de negar em geral, o negativismo de muitos psicóticos, deve ser provavelmente entendido como sinal de defusão¹⁵ pulsional, com a retração dos componentes libidinais. Mas o desempenho da função do juízo só se torna possível pelo fato de que a criação do símbolo da negação permite ao pensamento um primei-

(12) "*Entfremdung*" – literalmente significa estranhamento, ato pelo qual uma coisa se torna estranha, "alienada", em relação a outra.

(13) "*Verkosten*": Freud emprega, aqui, o verbo "*verkosten*" (provar, experimentar) que, não por acaso, inclui o verbo "*kosten*" (degustar, experimentar o sabor).

(14) "*Zweckmässig*" – significa coerente, no sentido de algo que se adapta a uma finalidade, que está de acordo com um objetivo ("*Zweck*" = fim, objetivo).

(15) "*Entmischung*" é o contrário de "*Mischung*" (mistura, fusão, intrincamento). Em vez de "defusão", encontramos às vezes a expressão "desintrincamento", igualmente correta.

ro grau de independência das conseqüências da repressão e com isso também da coação do princípio do prazer.

Esta concepção da negação se ajusta muito bem ao fato de que, na análise, não se descobre um “não”, vindo do inconsciente, e que o reconhecimento do inconsciente por parte do ego se expressa numa fórmula negativa. Não há prova mais forte de que conseguimos descobrir o inconsciente do que quando o analisando reage com a frase: “Isto eu não tinha pensado”, ou “Nisto eu não tinha pensado (nunca)”.